

ZARATUSTRA E A REDENÇÃO (ERLÖSUNG) DA VONTADE

ZARATHUSTRA AND WILL REDEMPTION (ERLÖSUNG)

Antonio Carlos Massignani*

Resumo: O presente trabalho explorar alguns significados da *Erlösung* nietzschiana, contidos na obra Assim falou Zarathustra. A *Erlösung* é apresentada nesta obra como a redenção da vontade em sua impotência, através do jogo com o conhecimento. Os caminhos desta *Erlösung* da vontade constituem os momentos desta tragédia. Nesta trajetória as formas de aprisionamento da vontade também são exploradas em seu vínculo na história do desenvolvimento da racionalidade. Serão apresentadas num primeiro momento, as condições necessárias tanto para a comunicação da ideia de retorno (Zarathustra como portador do eterno retorno), quanto os momentos constituintes deste caminho (tragédia: caminho para a redenção). Além disso, serão exploradas as condições de assimilação (superação do niilismo, radicalização do pessimismo) da ideia do eterno retorno enquanto vivência; pela vivência no seio da crise da razão; pelo mergulho no niilismo, e conseqüentemente pela sua superação. O paradoxo de um pensamento que não se confunde nem pressupõe nenhum fundamento convencional de verdade, pois, é um pensamento que trás consigo a marca da história da superação do valor da verdade. Num segundo momento, é apresentada a necessidade da incorporação desta ideia para a possibilidade de redenção da vontade em seus múltiplos significados.

Palavras-chave: Redenção. Pessimismo. Niilismo. Razão. Eterno retorno.

Abstract: This paper explores some meanings of *Erlösung* Nietzschean, contained in the work Thus Spoke Zarathustra. The *Erlösung* is presented in this work as the redemption of the will in its impotence, through the game with knowledge. The paths of this *Erlösung* of the will constitute the moments of this tragedy. In this trajectory the forms of imprisonment of the will are also explored in their bonds in the history of the development of rationality. At first, it will be presented the necessary conditions both for the communication of the idea of return (Zarathustra as the bearer of eternal return), as the constituent moments of this path (tragedy: path to redemption). Also, it will be explored the conditions of assimilation (overcoming of nihilism, radicalization of pessimism) of the idea of the eternal return as experience; for the experience within the crisis of the reason; by diving into nihilism, and therefore by overcoming. The paradox of a thought that neither confuses nor assumes any conventional ground of the truth, then, is a thought that brings with it the mark of the history of the overcoming of the value of truth. In a second moment, it will be presented the need of the incorporation of this idea to the possibility of redemption of the will in its multiple meanings.

Keywords: Redemption. Pessimism. Nihilism. Reason. Eternal return.

* Mestrando em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica - PUC-Pr, sob orientação do Prof. Antonio Edmilson Paschoal. E-mail: antonio.massignani@yahoo.com.br.

“Assim falou Zaratustra¹” é uma obra que oscila entre um estilo de pregação, de evangelho, ora poesia épica, ora poesia lírica²; desde seus estudos filológicos³, até a apresentação de sua grande obra, Nietzsche procurou delimitar um estilo fazendo uso de uma forma de linguagem que não apenas fale e represente⁴, antes que cante. O canto é, pois, a única linguagem que a tragédia aceita ao seu lado⁵, e seu Zaratustra enquanto sua tragédia, enquanto renascimento mesmo do pensamento dionisíaco precisa ter o ritmo da música, pois ela enquanto tragédia nasceu do espírito da música⁶; é a linguagem que procura acompanhar e seguir a música, a única representação direta do fluir eterno, nela e somente nela há apenas fluência. Zaratustra é a tragédia nietzschiana, e como tragédia, não fala, canta⁷.

Neste canto o enredo oscila entre o ocaso e a redenção, a tragédia constitui-se mesmo neste movimento de redenção como a unificação de seu protagonista com sua vida, com seu destino. Zaratustra é neste sentido, a tragédia que revela o caminho no tornar-se aquilo que se é. Nietzsche sabia disso, sabia então, que havia escrito uma espécie de livro sagrado, ao menos enquanto tema conteúdo, estilo e forma; um livro que compartilhava esta semelhança com as grandes tragédias gregas, assim como

¹ Para as obras de Nietzsche utilizaremos as seguintes siglas: O nascimento da tragédia (NT); citações no original (KSA), Gaia ciência (GC).

² Numa carta a Peter Gast (01/02/1883) o próprio Nietzsche vê a sua obra como uma espécie de “doutrina moral”, e seu texto enquanto uma nova forma de pregação. A seu editor (13/02/1883) batizou-o de seu “quinto evangelho”, uma pregação que fez da poesia seu instrumento, linguagem e caminho. Também à Gast, Nietzsche comparou o ritmo de sua obra como à uma sinfonia.

³ “Uma boa maneira de compreender, tanto do ponto de vista da forma de conteúdo quanto da forma de expressão, o projeto de *Assim falou Zaratustra* é situá-lo com relação a *O nascimento da tragédia*, primeiro livro de Nietzsche, escrito em 1871”. (Roberto Machado, 2001).

⁴ Para Roberto Machado (2001); “*O nascimento da tragédia* tem dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão; a apresentação da arte trágica, expressão das pulsões artísticas dionisíacas e apolíneas, como alternativa à racionalidade.”

⁵ Já em GT (p. 49) Nietzsche procura evidenciar através de sua crítica da linguagem uma forma de superar, ou burlar os limites da linguagem de representação; “Na canção popular vemos, portanto, a linguagem empenhada ao máximo em imitar a música (...) (...) Com isso assinalamos a única relação possível entre poesia e música; palavra e som: a palavra, a imagem, o conceito buscam uma expressão análoga à música e sofrem agora em si mesmos o poder da música.”

⁶ “Se a maravilha da arte grega é não estar impregnada de conceito, foi justamente o fato de o saber trágico não ser nem poder ser expresso conceitualmente — isto é, exposto e comprovado logicamente — que o fez ser negado ou desclassificado pelo saber racional. E essa negação do trágico liga-se intrinsecamente, segundo Nietzsche, à rejeição da música. A tragédia morre quando a música é expulsa do teatro, e este se torna uma mera ilustração de conceitos.” (Roberto Machado, 2001)

⁷ “In der dichtung des Volksliedes seben wir also die Sprache auf das Stärkste angespannt, die Musik nachsuahmen: deshalb beginnt mit Archilochus eine neue Welt der Poesie, die der homerischen in ihrem tiefsten Grunde widerspricht. Hiermit haben wir das einzig mögliche Verhältniss zwischen Poesie und Musik, Wort und Ton bezeichnet: das Wort, das Bild, der Begriff sucht einen der Musik analogen Ausdruck und erleidet jetzt die Gewalt der Musik an sich“ (KSA 1.48). Sobre isso, ver também: “The Symphonic Structure of *Thus Spoke Zarathustra*: A Preliminary Outline” de Graham Parkes; in “Nietzsche’s *Thus Spoke Zarathustra*: Before Sunrise”, P. 09, Editora Continuum, 2008 Em varias cartas Nietzsche compara a linguagem em Zaratustra como uma música, Parkes analisa essas cartas e defende que Zaratustra é constituído como se fosse uma sinfonia pré-clássica.

também compartilhava estilo e tema com os evangelhos; um livro que narra uma épica luta, de vida e morte e que tem no sangue da batalha a redenção como tema trágico, caminho que inexoravelmente transforma o herói em dono de seu destino⁸.

Tudo bem! Aceitemos então, a idéia de que Assim Falou Zaratustra é uma tragédia, que tem como estilo o de uma pregação moral. Entretanto, esta pregação se transforma numa espécie de pregação anti-moral, que revela a redenção do herói na lida com seu próprio destino onde a própria moral precisa ser redimida por ser o erro dos erros, onde a própria moral é superada como uma forma de não aceitação da vida e do destino, de aprisionamento da vontade. Não foi o destino a força contra a qual se desenrola a luta do herói trágico? Não é a redenção um flerte com a grande Moira? Não são os acidentes do destino, apenas uma teia de ilusões que enganam o nosso herói, para que o destino possa chegar à sua meta? Não são os acontecimentos os inimigos externos que provocam as crises internas, que despertam os demônios que habitam as cavernas sinuosas da alma do herói?

Ao menos assim parece ser com Zaratustra, com os seus animais tanto quanto com seus inimigos; o corcunda, o anão (o espírito de gravidade) são apenas as artimanhas da grande moira que o enreda para o caminho da grande batalha final, a batalha de vida e morte. Como se vê está é uma batalha que somente pode ser travada na solidão, visto que é uma batalha interior, pois, se constitui no caminho para a redenção, para redimir se naquilo que se é. A tragédia constitui-se na luta que deixa para trás a visão assustadora daquilo que é mais próprio, mais próximo, daquilo que está reservado ao herói; seu destino; aquilo que será o objeto da redenção. Neste sentido, Zaratustra é a tragédia de olhar a vida em sua totalidade⁹, é a experiência do *non sense*,

⁸ “O motivo é que, enquanto a metafísica é incapaz de expressar o mundo, em sua tragicidade, pela prevalência que concede à verdade em detrimento da ilusão, ou pela oposição que estabelece entre a essência e a aparência, na arte a experiência da verdade se faz indissolúvelmente ligada à beleza, que é uma ilusão, uma aparência; enquanto o espírito científico — a crença na penetrabilidade da natureza e na virtude da panacéia do saber — acredita que o pensamento, seguindo o fio da causalidade, pode conhecer o ser em seus abismos mais longínquos e até mesmo corrigi-lo, curar a ferida da existência, a experiência trágica, com sua música e seu mito, é capaz de justificar a existência do "pior dos mundos", transfigurando-o. (Roberto Machado, 2001)

⁹ “Essa antinomia entre arte trágica e metafísica racional, apresentada por Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, significa, portanto, duas coisas: por um lado, o "socratismo estético" subordinou o poeta ao teórico, ao pensador racional, e considerou a tragédia irracional, isto é, um compromisso de causas sem efeito e de efeitos sem causa; por outro lado, a arte trágica é a atividade que dá acesso às questões fundamentais da existência, e se constitui, ainda hoje, como antídoto à metafísica racional.” (Roberto Machado, 2001)

do absurdo da avaliação, do nojo e da redenção da vida, pela vida e na vida, está única vida mesmo que lhe cabe.

Como em Édipo, Zaratustra olha para trás, olha a totalidade de sua vida e sente asco ante a visão do passado, ante a impotência do querer no passado. Entretanto, não é apenas na visão do passado e sua impotência que encontramos o ponto de ebulição do sentimento trágico, antes é na radicalização desta visão, pela radicalização deste horror e deste asco que se abrem as cortinas e a tragédia começa. Esta radicalização do horror frente o passado é em Assim falou Zaratustra a responsabilidade da idéia do Eterno Retorno do Mesmo, ela é responsável por levar ao ápice a radicalização da visão do horror, e, portanto, responsável por levar ao máximo o clímax da tragédia nietzschiana e de sobra à tragédia humana. Neste sentido, Assim falou Zaratustra é a tragédia de Zaratustra, aquele que é o portador e anunciador do Eterno Retorno, nele o herói precisa dar conta de digerir e reencontrar-se com seu destino; a redenção é desta forma, o ápice desta tragédia.

Como primeiro momento da tragédia, encontramos Zaratustra fugindo de seu destino, negando sua tarefa e missão, furtando-se a encarar a visão da totalidade de sua vida no tempo (isso somente é possível pela assimilação da idéia do eterno retorno). O eterno retorno precisa ser vivido, experimentado e também enfrentado para que Zaratustra seu portador seja digno de sê-lo; daí o fato de que inicialmente o Eterno Retorno aparecer como um demônio interior do qual Zaratustra foge, e que lhe aparece apenas em sonho, quando a razão descansa suas armas. Zaratustra precisa mostrar que possui força para tal conhecimento¹⁰. Depois de ter domado este demônio, a idéia do círculo servirá a Zaratustra como uma arma, como signo e expressão de força, um instrumento capaz de afastar os inimigos e conduzi-lo à redenção. Mas por que Zaratustra adia e se recusa a aceitar seu destino, aquele que deve trazer a tona este conhecimento diferente¹¹? Zaratustra se recusa a aceitar seu destino, pois não possui ainda a força de carregador (camelo), nem a coragem (leão), nem a inocência (criança), para encontrar em uma forma de conhecimento sua redenção. O conhecimento que promove a redenção exige do seu portador determinadas capacidades, o que implica na

¹⁰ Um dos aspectos deste novo conhecimento implica que ele revela a força de seu possuidor. Aquele que for capaz de suportá-lo é digno de vivê-lo, de colher seus frutos. Conhecimento revela a força, não sua verdade.

¹¹ Digo “diferente”, apenas na medida em que a idéia não é nova, mas para ressaltar aquilo que a diferencia daquela presente nos pré-socráticos na medida em que ela vincula-se ao desenvolvimento do nihilismo, exigência para sua incorporação como conhecimento não “verdadeiro”, mas enquanto, jogo (Spiel) experimento, perspectiva, vivencia.

transformação de si; assim, até o fim de seu ocaso que ocorre no terceiro livro, Zaratustra refere-se ao eterno retorno apenas de maneira indireta e metafórica, quase sempre disfarçado e referido apenas por sinônimos; o anelo, o grande círculo. Zaratustra precisa ainda transformar-se, adquirir a força que somente a vivência pode trazer; ou seja, o erro, a dor, a dúvida, o engano, o amor, o sonho, a loucura, o medo. Zaratustra precisa seguir seu caminho, mesmo sendo neste um caminho o lugar onde as forças revelam seus limites e fraquezas. O medo do fracasso e da morte faz Zaratustra recuar; medo de que o círculo lhe venha sufocar, medo de que suas forças não possam suportar o mais pesado dos pesos¹². Este é enfim, o caminho de superação de si, o caminho da redenção da vontade; ambos se completam e se justificam; superação e redenção.

No caminho desta superação de si mesmo, Zaratustra precisa aprender o “grande desprezo” e o “grande nojo”, e apesar disso, deverá aprender a amar e ser inocente. Daí, o que explica a demora em explicitar a idéia de Eterno Retorno, pois é preciso não apenas dizê-lo, porém, era preciso vivê-lo. Somente no círculo ocorre a redenção, mas para vivê-lo era preciso ser um homem do saber, ou seja, era preciso mergulhar no mundo do conhecimento, seguir o sentido, sua busca. Desta forma, somente dentro e a partir do pessimismo e do niilismo radical, somente pela e na crise da razão, o eterno retorno como conhecimento pode ser incorporado, vivenciado.¹³ É somente pela inserção na história do pensamento ocidental, história que tem no Nihilismo uma chave de compreensão, que pode o Eterno retorno ser incorporado, vivenciado e, portanto, ser o responsável pela tragédia e pela possível redenção da vontade no tempo. O niilismo é um círculo vicioso que engendra o processo de busca pelo conhecimento, é, portanto, somente neste círculo que o eterno retorno ganha seu espaço como “conhecimento”, é somente nele que o eterno retorno pode tornar-se vivência, e nesta uma redenção. Daí, Zaratustra constituir-se em uma tragédia cujo tema é a redenção, deste que é o anunciador, mas também o portador do enigma do círculo.

A idéia do eterno retorno enquanto conhecimento como experimento e vivência traz consigo incorporado à superação da moral, do pessimismo e do niilismo radical¹⁴; a

¹² “Ah, pensamento abismal, que és o meu pensamento! Quando acharei a força de ouvir-te cavar, sem mais tremer” (Z, p. 170)

¹³ Somente como o ocaso da verdade e da vontade de verdade, o homem calejado por esta busca infrutífera, pode viver o conhecimento enquanto experimento perspectiva, e assim, revelar-se como signo de força ou fraqueza.

¹⁴ O livro II é o caminho desta vivência, daí, toda a seqüência de capítulos que culminam em uma série de perigos e superações em “A hora mais silenciosa”. Este capítulo tem como seu precursor uma discussão com o conhecimento, o desenvolvimento do niilismo, o radicalismo do pessimismo, nos revelando aquilo que Zaratustra como seu portador precisar absorver e superar.

superação da moral segue desde “Nas Ilhas Bem-Aventuradas”, até em “Da Canalha”. A questão da crise da busca pela verdade e o niilismo aparece em “Das Tarântulas”, mas fundamentalmente em o “Canto Da Dança”; e o pessimismo que se vincula ao problema da racionalidade, por ser este também um subproduto da razão, em “O Canto do Túmulo”. Estas questões embora separadas aparecem juntas nos capítulos que se seguem até o grande ocaso como desde em “Do superar De Si”, no “O Adivinho” e se completam até o momento da grande solidão do olhar, o átrio da grande redenção, que é preparada ainda no segundo livro em “Da Redenção” até a “Hora mais Silenciosa” que é na verdade apenas um prelúdio, do grande ocaso, que se completa apenas no livro III. Outras questões mesclam-se a estas como em “Os Doutos”, “Dos Poetas”, “Dos Famosos Sábios”, contudo estas apenas circundam no em torno daqueles tres grandes temas de superação; a moral, o niilismo e o pessimismo. Vejamos que, a questão da redenção da vontade com o tempo aparece antes de “A Hora Mais Silenciosa”, esta possibilidade dá forças a Zaratustra para o “sim” a seu destino. Diz Zaratustra: “Redimir os passados e transformar todo “Foi Assim” num “Assim eu quis!” – Somente a isto eu chamaria redenção!” (Z, p. 151)

Como devemos entender esta redenção? Acerca disto temos uma indicação no texto 275 da Gaia Ciência. Ali, a redenção se dá em dois sentidos complementares; primeiro, a redenção aparece como uma espécie de acordo, de reconciliação no tempo da vida, do conhecimento e da própria vontade. Esta reconciliação unifica a Vontade com a totalidade de seu destino. Reconciliação que tem no conhecimento de si, não uma razão para o nojo, para o fastio,¹⁵ essa reconciliação é o tema de “O Canto de Dança”. O segundo sentido; é uma espécie de libertação do querer, redenção significa fundamentalmente, neste sentido, que o conhecimento de si não reflete em culpa, arrependimento ou aborrecimento.

É na Gaia Ciência, a primeira vez que Nietzsche apresenta a idéia do eterno retorno, coisa que nos dois primeiros livros de Assim falou, Zaratustra apenas o faz se referindo a ela indiretamente e através de pseudônimos. A idéia de redenção que aparece na Gaia ligada ao eterno retorno abarca o segundo sentido (dado acima) de redenção; o de libertação do querer e pode ser resumido na seguinte frase: “Qual o

¹⁵ “A não ser que a vontade, finalmente, se redimisse a si mesma e o querer se tornasse em não querer”; mas vós conheceis meus irmãos, essa cantiga da loucura. (Z, p.152) A reconciliação de Nietzsche não compactua com as soluções ascéticas ou pessimistas, nem na superioridade da racionalidade frente a vontade e muito menos, na negação da vontade como modelo de vida feliz e completa. Redenção não implica em negação e domínio da vontade para Nietzsche, mas na libertação do querer, como veremos mais adiante.

emblema da liberdade alcançada? – Não mais envergonhar-se de si mesmo”. (GC, p. 275)

Assim, redenção significa a libertação do próprio querer. Este querer alcança liberdade, primeiro; enquanto libertação da prisão da racionalidade, prisão que contém em si mesma a moral; segundo, enquanto libertação da mais radical das prisões em que se encontra há história da racionalidade, a prisão do “Foi Assim”. No primeiro âmbito deste aprisionamento do querer, temos incutida a idéia da oposição entre Razão e Vontade, como também, a idéia do círculo vicioso do desejo. A Vontade essência que constitui o núcleo, o fundo comum a todos, que nos enreda neste círculo quando estamos interessados no mundo, do conhecimento deste fundo comum, cerne do ser, deduz-se então, uma visão trágica e pessimista da vida. No fundo, todo tipo de racionalidade se determina como uma forma de dúvida, incerteza, falseamento da própria vontade, em suma da própria vida. Todo o conhecimento mesmo aquele que embriaga trás consigo o perigo narcótico e o poder de um veneno, que envenena a própria vida. Em resumo, ocorre aquilo que o pessimismo Schopenhauriano reconhecia como pressuposto para a redenção; o conhecimento da essência, do horror deste fundo comum a todas as coisas, é condição para a graça, para a possibilidade de um efeito narcótico e de calmante, calmante que elimina, nem que por momentos, quicá absolutamente, a própria vontade de vida. “Ser feliz na contemplação, com a vontade morta, sem garras e egoísticas cobiças – frio e cinzento no corpo inteiro, mas com ébrios olhos de lua!” (Z, p. 134). Neste sentido, o conhecimento filosófico por excelência, seria o caminho para o desencantamento, para a ascese, para o desaparecimento budístico no nada, “contemplar a vida sem desejos e não, como um cão, com a língua de fora” (idem). A que distancia, vemos o filósofo de Sils-Maria lançar-se para longe de seu primeiro e grande mestre; redenção não significa em Nietzsche, porém o mesmo que em Schopenhauer, a relação entre conhecimento e redenção também passa a operar sobre outros estatutos de validade. Enquanto em Schopenhauer, redenção significa libertar-se do querer, em Nietzsche, significa libertação do querer. Enquanto para o pessimista, conhecer significa libertar-se do próprio querer, na medida, que viver é querer e querer é sofrer, sem fim e sem sentido; para Nietzsche, o pessimismo e o niilismo são expressões da própria libertação desta prisão que chamamos de racionalidade, o ocaso da razão significa a libertação do próprio querer, significa a liberdade como experiência de redenção. A redenção pela libertação do querer pela superação da racionalidade e com esta a superação da própria

moral implica na conclusão de que sendo a vida, sofrimento em sua essência, sofrimento sem fim, sem finalidade e, portanto também, sem sentido, estas conseqüências da racionalidade, e que constituem o próprio radicalismo do pessimismo e de suas conclusões niilistas, não implicariam necessariamente numa negação, em possibilidade de catarse, antes numa contrapontística experiência de libertação como superação. Esta experiência de libertação como superação tanto da racionalidade como da moralidade, superação esta que ocorre no seio do próprio desenvolvimento do niilismo Europeu, somente é possível enquanto afirmação trágica, enquanto conhecimento dionisíaco, isto somente é possível para Zaratustra enquanto afirmação trágica de seu destino enquanto anunciador do círculo. Zaratustra é neste sentido aquele que superou o niilismo europeu e o pessimismo não porque não os assumiu, mas porque os levou ao extremo, é neste extremo que a própria idéia do eterno retorno precisa e pode ser incorporada, ela representa a superação desta situação limite. A própria idéia do círculo leva ao radicalismo tanto o niilismo como as conseqüências da racionalidade pessimista e trágica. O círculo serve, então, para conduzir os interlocutores de Zaratustra, o anão e Corcunda, ao radicalismo. Assim, o eterno retorno do mesmo, representa para aquele que o vivencia a superação, o emblema da liberdade dos sem moral, dos sem Deus, dos sem razão e finalidade. O círculo leva ao extremo e, portanto, ao abismo, tanto o pessimismo quanto o niilismo prático e teórico, e por outro lado, sem essa experiência no abismo, o eterno retorno do mesmo, não pode ser incorporado como um conhecimento válido, porém, não verdadeiro, no sentido tradicional, pois o eterno não é um conhecimento nem empírico, nem abstrato, ou seja, obtido por dedução, nem sua verdade é evidente e acessível intuitivamente a todos, ela, a experiência do eterno retorno como conhecimento, prescinde, portanto, do ocaso da própria racionalidade e de sua tradicional hierarquia de valores. “É que a coragem mata, também, a vertigem ante abismos; e onde o homem não estaria ante abismos? O próprio ver – não é ver abismos? (Z, p. 165)

Levar ao extremo, conduzir ao limite tanto seus amigos, quanto seus inimigos, daí a necessidade de colapso, ruptura para que a idéia do círculo eterno possa ser incorporado, é preciso a ruptura com os valores tidos como absolutos. O círculo, não é, pois, um conhecimento que possa ser incorporado da mesma maneira, pelos mesmos caminhos que conhecimentos empíricos, matemáticos e mesmo metafísicos e/ou religiosos. Ele conduz ao limite o olhar sobre o próprio conhecimento, ele pressupõe a perversão de olhar o fundo comum a todos os conhecimentos, e neste fundo reconhecer

o nada o vazio, daí a experiência de ocaso, abismo, essencial para a incorporação do peso mais pesado dos pesos, a experiência que obriga uma decisão, decisão que se constitui em uma redenção. “Mas a coragem é o melhor matador, a coragem que acomete; mata, ainda, a morte, porque diz; “Era isso, a vida? Pois muito bem! “Outra vez” (Z, p. 165)

A incorporação da idéia do Circulo carece, portanto, como condição um processo prévio, um caminhar no sentido de reconhecer o sentido do desenvolvimento da racionalidade, ou seja, é necessário morder a cabeça da serpente, é necessário uma vivencia no seio do próprio niilismo, este se constitui como uma chave não apenas para a compreensão da história da racionalidade ocidental, mas o exercício para a possibilidade de sua superação. Assim, não sendo um conhecimento empírico, nem metafísico, não se constitui como um conhecimento do tipo verdadeiro; abstrato ou intuitivamente, mas como conhecimento dionisíaco, somente pode ser incorporado enquanto vivencia no seio da crise da razão. Ele pressupõe a experiência do abismo, para que possa redimir; produzir seus efeitos; sejam eles quais forem.

Desta forma vemos as exigências que são feitas para que o círculo seja vivenciado, enquanto conhecimento dionisíaco; a verdade já não pode ser um valor necessário, já não estamos neste território de validade, já não estamos nesta mesma relação moral e hierárquica. Antes aqui já se passaram muitas primaveras, muitos sois já tiveram seus ocasos, já aqui somos calejados e mordidos por esta velha serpente, esta mesma serpente que velha e rabugenta morde seu próprio rabo, esta cobra chama-se conhecimento.

A libertação do jugo imposto á vontade pela racionalidade significa a libertação desta de toda espécie de avaliação moral, seja ela igualitária, utilitária, moral da compaixão, em suma, de toda moral que implica em conhecimento e negação, em síntese; toda moral que preconize uma superioridade de alguma forma de racionalidade em relação à vontade, que preconize o domínio da razão sobre os instintos.

Além da moral, a vontade precisa ainda redimir-se de sua impotência frente ao *Foi Assim*. Não seria apenas no reconhecimento de que todo o desejo implica em sofrimento, cuja dedução prega a negação de todo o desejo, como salvação e redenção, nem o conhecimento da essência e seu efeito de calmante, o conhecimento filosófico por excelence teria esta qualidade, mas também, no fato de que no passado, ou seja, no querer o já consumado, implicaria no sofrimento eterno, assim, o passado seria uma prisão; primeiro, porque não posso mudá-lo, mas principalmente porque não posse dele

livrar-me, no círculo esta idéia radicaliza-se na medida em aquilo que foi desejado uma vez deve ser desejado eternamente, e como ele todos os seus conseqüentes sofrimentos. Assim, dentro do círculo a prisão do *foi Assim* adquire as formas da loucura, nele o passado é uma sombra da qual não podemos sem fugir, nem nos esconder. Daí, a radicalização da sombra do passado, que virá eternamente atrás de mim, mas também, à minha frente; significa, pois, a impossibilidade de esquecimento, a impossibilidade de apagar o querer que já foi quisto, este querer que sou eu, e com ele todas as expiações que todo querer infringe a sua própria carne. “Não pode a vontade querer para trás; não poder partir o tempo e o desejo do tempo – é esta a mais solitária angustia da vontade.” (Z, p. 151)

Aqui esta a dupla face do círculo, se ele radicaliza a prisão do passado, ele também abre a faceta da redenção. O passado não é apenas uma sombra que se estende às costas do presente, ele se estende nos ladrilhos do futuro, ele se estende á frente e para sempre. Aqui se abre a possibilidade de redenção, ou melhor, de libertação do querer. “O querer liberta, e que inventa a própria vontade, para livrar-se da angustia e zombar da sua prisão” (Z, p. 151). A libertação do querer ocorre pela incorporação do círculo, somente dentro do próprio círculo esta incorporação prescinde de uma nova relação valorativa com o próprio conhecimento, desde uma nova perspectiva valorativa. “Doido, ai de nós tornasse todo o prisioneiro! E pela doidice redime-se, também, a vontade prisioneira” (Z, p. 151). O círculo não é um novo conhecimento que veio substituir os que tiveram seu ocaso, ele não é um novo sol, embora seja uma saída para o próprio niilismo, ele não vale como valia um conhecimento antes tido como verdadeiro e absoluto, ele é instrumento, jogo, arma de redenção. O círculo revela o conhecimento enquanto jogo e experimento, ele revela que o fundo comum a todo o conhecimento não esta na relação entre a palavra e o mundo, entre, o X supostamente existente, mas no pathos que garante a certeza da relação entre a intuição e o mundo, é neste pathos e capacidade deste sentimento que o conhecimento pode ser vivido como experimento, fora dos limites da valoração absoluta, porém, perspectivo. Neste sentido, o círculo é o conhecimento além dos limites do conhecimento¹⁶, aquele que somente

¹⁶ Alguns autores defendem que a ideia do Eterno retorno poderia na época de Nietzsche ter encontrado uma sustentação científica, por exemplo: em "Zarathustra, the Moment, and Eternal Recurrence of the Same: Nietzsche's Ontology of Time; in Nietzsche's Thus Spoke Zarathustra: Before Sunrise, P. 75 Editora Continuum, 2008" Os autores Friedrich Ulfers e Mark Daniel Cohen buscam encontram fundamentos científicos contemporâneos a Nietzsche e que sustentam o eterno retorno, os autores também argumentam que Nietzsche conhecia a geometria de Riemannian, em suas conseqüências cosmológicas. Apesar disso, Nietzsche nunca realizou esta perspectiva, antes permaneceu buscando na

existe com o ocaso dos valores, quando os valores são subvertidos, superados, quando o homem torna-se senhor do próprio conhecimento. Assim, o círculo é o conhecimento que se revela após o ocaso da própria racionalidade, como um novo estatuto de validade, como um conhecimento que se apresenta válido apenas após o ocaso de uma racionalidade fundada num modelo específica de verdade. Ademais, o círculo revela um mundo como que a imagem de um pessimismo radicalizado.

Daqui surge a preocupação de Zaratustra em não encontrar ouvidos para receberem a idéia do círculo, daí, a indagação do anão; “Mas por que Zaratustra fala conosco de maneira diferente do que com seus discípulos? Mas por que Zaratustra fala com seus discípulos de modo diferente do que consigo mesmo?” (Z, p. 153). Esta preocupação segue até em “Da Prudência Humana”, o que de certa forma justifica a exigência da solidão de “A hora mais silenciosa”, pois o círculo e seu portador recua frente a ouvidos não iniciados. É, pois, somente na solidão e em seu silêncio que Zaratustra reconhece e assume seu destino. Este destino, Zaratustra o havia vislumbrado inicialmente somente em Sonho; “Conheceis o pavor de quem adormece? Até aos dedos dos pés, apavora-se de que o solo fuja debaixo dele e o sonho comece” (Z. p. 156). É, pois, somente na hora mais silenciosa que o sonho pode começar, é em sonho que inicialmente aparece o círculo a Zaratustra, em sonho Zaratustra revela sua incapacidade para assumir seu destino, chora então, e diz: “Ah, bem que eu desejaria, mas não posso! Dispensa-me disso! Está acima das minhas forças” (Z, p. 157) Zaratustra ouvia então, uma fala sem voz, era, pois, uma conversa interior, portanto uma conversa com sua razão, um fiapo restante de razão que lhe pesava impedindo de lançar-se cego, uma razão que lhe mostrava dois grandes medos, primeiro; o de falar e não ser compreendido, segundo; o de ser tomado pela grande fastio, o grande nojo, qual seja, aquele que brota da repetição eterna, do retorno do homem vulgar e decadente. “Minha palavra ainda não removeu nenhuma montanha e o que falei não alcançou os homens. Dirigi-me aos homens, não ainda não cheguei a eles. (Z, p. 157)

Para Zaratustra falta ainda a força do leão, não está ainda preparado para ordenar, sente ainda medo da incompreensão e do julgamento dos outros, sente ainda o peso do olhar, o medo do estar só entre os homens. Zaratustra ainda não apreendeu o

arte uma forma de conhecimento capaz de justificar a vida sem a necessidade de valores científicos, metafísicos e ou morais.

grande desprezo; a voz interior ainda fala: “que importância, tens tu? Ainda não me pareces suficientemente humilde. A humildade tem o mais duro dos couros.” (Z, p.157)

Zaratustra ainda não aprendeu o grande desprezo por si, seu amor próprio ainda lhe impede seu orgulho e medo ainda lhe afugentam de seu sim, da afirmação de seu destino. Zaratustra sente ainda vergonha! Seu amor próprio lhe impede de incorporar o mais pesados dos pesos, medo que este venha lhe despedaçar, medo de que lhe aconteça, o mesmo que descrito na Gaia-Ciência; “Você não se prostaria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? (GC, p. 341)

Zaratustra ainda não está pronto. Zaratustra se recolhe novamente à solidão abandonando seus amigos, ele precisa aprender o grande desprezo; “ainda precisas tornaste criança e não sentires vergonha (Z, p.153) Esta transformação exige a solidão, na medida em que esta exige uma tomada de decisão, é na solidão que se deve enfrentar seus próprios demônios. “Trata-se de uma disputa interior, que ele tem de tomar para completamente só e em que se trata para ele de ser ou não ser”. (Salaquarda, in Concepção básica de Zaratustra). Assim, não basta mais a Zaratustra, de acordo com Salaquarda permanecer naquele estado inconsciente/consciente, o círculo não pode permanecer nesta fenda; então, é necessário romper a resistência¹⁷ da razão, faz se então, necessário superar a própria racionalidade, vencer suas exigências, superar seus medos e limites, já que até aqui ela sucumbiu toda vez que vislumbrou o círculo e suas conseqüências. Zaratustra decide então pela batalha, ele é, portanto, quem desafia o demônio, ele precisa ainda vencer a barreira do ego, precisa suportar o mais pesado dos pesos e isto plena luz, ou seja, vislumbrando suas conseqüências e tormentos, daí a decisão: “Não se dá por satisfeito com o estertor inicial do pensamento que se apresenta com resistência à claridade da consciência. “Gostaria muito mais de levar seu abismo a falar, em vez de ouvi-lo proferir sons inarticulados”. (Salaquarda)

No primeiro momento desta luta já o sabemos, Zaratustra perde a consciência e desmaia. Seu inimigo, o Anão, representa o “espírito de gravidade”, representa, pois, o pessimismo resultado de uma racionalidade fracassada em seus anseios. Ao acordar, Zaratustra, narra novamente em forma de enigma suas vivências, está ansioso por revelações. A forma deste enigma nos dá também a forma da luta, forma esta que

¹⁷ O eterno retorno aparece inicialmente em Sonho, este pressupõe um adormecer da razão e de suas exigências, trazer o círculo à claridade da consciência exige a experiência do abismo, da superação dos limites da própria consciência, lembremos, que o círculo não fala inicialmente a linguagem da razão, é pois uma fala sem voz, sem contar que toda vez que a idéia vem à consciência a razão não suporta e se desliga, Zaratustra desmaia.

aludimos como uma libertação do querer, como símbolo do paradigma tradicional em sua oposição Razão versus Vontade, o caminho desta oposição culmina na conclusão, ou melhor, sua conclusão culmina no nada de vontade. Neste sentido, o anão representa assim como seu demônio interno, uma racionalidade que aprisiona o querer, que prega a redenção como uma libertação em relação à pressão do próprio desejo. Esta racionalidade está ligada diretamente ao nojo, ao olhar que avalia, tanto quanto esta ligada ao pessimismo que vê no desejo a causa do sofrimento, em ambas a razão gera negação, culpa, nojo e asco, apregoa o domínio dos instintos, buscam o nada de vontade, o nirvana budista, a moral da compaixão, o cristianismo, o estoicismo. Todas estas resumem uma racionalidade que representa esta prisão, cuja liberdade constitui a redenção, somente livre desta cadeia a vontade torna-se criadora e capaz de redenção.

A vontade reconhece no “Foi Assim” seu limite, lá está escrito “impossibilidade”. A sua redenção com o tempo exige que a vontade torne-se criadora, ou seja, cria a si mesma, afirme a si mesma de forma a querer eternamente o já quisto, para isso, ela precisa tornar-se livre, romper com seus alçozes, esta liberdade significa não mais envergonhar-se de si mesma, para tanto é preciso o grande desprezo. Este símbolo de liberdade não se confunde em nada com negação, o sentido supracitado, nem muito menos com o aparecimento do tédio, oriundo do conhecimento da essência e do efeito calmante do conhecimento, pois, o que o redime é a inocência, na medida, em que este já se tornou criança. No caminho da libertação da vontade para que esta possa tornar-se criadora ela precisa da experiência do ocaso, de abismo, e neste sentido que o “novo conhecimento” precisa ser incorporado, não como hipótese teoria metafísica, mas como vivência já que somente no círculo a vontade pode tornar-se criadora, somente nele ela pode eternamente criar-se a si mesma e afirmar-se, portanto, somente nele a vontade pode encontrar sua redenção. Portanto, a incorporação do círculo pressupõe uma experiência de abismo, de ocaso da razão. Isto torna-se uma exigência e transforma o círculo em um conhecimento para iniciados. Simultaneamente a incorporação da idéia do círculo implica e exige a superação desta crise, implica e exige a superação da moral, significa enfim, a vivência do conhecimento como jogo, experimento.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe* Herausgegeben Von Giorgio Colli und Mazzino Montinari (KSA). Berlin: Walter de Gruyter, 1988.
_____. *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. A gaia ciência. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. Assim Falou Zaratustra. Trad. Mario da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 4ª Edição, 1986.

LUCHE, James. Nietzsche's Thus Spoke Zarathustra: Before Sunrise. Editorial Continuum, 2008.

MACHADO, Roberto. Zaratustra e o pensamento trágico; in *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SALAGUARDA, Jörg. Concepção básica de Zaratustra, Professor da Universidade de Viena – disponível no Site “Cadernos de Nietzsche”: www.fflch.usp.br/DF/gen/

Artigo recebido em: 24/12/09

Aceito em: 20/03/10